

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: 62

Data: 15 de abril de 1974

Pg.: _____

Irmãos Vilas Boas tentam contato com beijos-de-pau que vêm atacando fazendas

São Paulo (Sucursal) — Orlando e Cláudio, dois sertanistas que o país conhece como irmãos Vilas Boas, voltarão a pôr mochila às costas, saco de farofa nos ombros, e mais uma vez se embrenharão nas selvas brasileiras, em busca de contatos com índios arredios e hostis, conforme vêm fazendo há 33 anos.

A expedição, já autorizada pela Funai, vai atrair os beijo-de-pau, apontados como uma dissidência da tribo Txucarramãe. Esses índios, que se encontram ao norte do Parque Nacional do Xingu, na altura da Cachoeira Von Martius, estariam, segundo denúncias, atacando empregados de fazendas e realizando investidas guerreiras contra outras tribos já contatadas da região.

A experiência

Há mais de três décadas, Orlando e Cláudio Vilas Boas estão envolvidos numa causa que muitos julgam perdida: a defesa intransigente do índio. No início eram três: Leonardo, mais moço que os irmãos, depois de repetidas malárias, terminou morrendo durante uma cirurgia. Há também Alvaro, mas esse nunca se sentiu atraído pelo mato, embora seja hoje uma das consciências mais lúcidas na defesa do índio brasileiro. Calmo, inteligente e de certa forma culto, Alvaro, também mais moço que Orlando e Cláudio, dirige o escritório da Funai em São Paulo; pronuncia palestras em faculdades paulistas, defendendo com segurança e intransigência o índio e seu universo cultural.

A expedição deverá partir do posto Diauarum, no Xingu, na primeira semana de maio, chefiada por Orlando e Cláudio. Inicialmente contará com 10 índios, das tribos Caiabi, Juruna, Suiá e

Txucarramãe. Na medida em que o trabalho de penetração progredir, com abertura de picadas, pistas de pouso e construção de *tapi-ris*, é possível que nova leva de índios *contatados* seja incorporada à expedição. Mas, por enquanto, a primeira preocupação consiste em comprar mercadorias, escolher o pessoal adequado e estudar a região a ser penetrada.

Orlando e Cláudio Vilas Boas já conheceram, na própria carne, cerca de 200 malárias e construíram 35 pistas de pouso. Somente a expedição Roncador-Xingu, que encerrou, neste século, o ciclo das expedições federais, durou 16 anos e, neste período eles conheceram a fome e diferentes febres; apesar disso, somente na Roncador-Xingu — que depois se tornou Roncador-Tapajós — eles abriram 1.400 quilômetros de picadas, em regiões nunca antes pisadas por civilizados.

As dificuldades

Numa só expedição, Cláudio permaneceu 10 anos no meio do mato, tendo por companhia os índios e os livros de seus autores preferidos: Hegel, Kierkegaard, Feuerbach, Tomás de Aquino, Sartre, Lévy-Strauss, Kant e muitos outros. Em 1977, os nomes de Cláudio e Orlando Vilas Boas foram propostos pela Sociedade dos Povos Primitivos, de Londres, ao Prêmio Nobel da Paz. Esta idéia partiu do sertanista britânico Adrian Cowell, que em 1969, conheceu os dois irmãos no Parque Nacional do Xingu. Logo depois, a iniciativa recebia a adesão de Lévy-Strauss, Sartre e outros intelectuais europeus. Paralelamente, a indicação foi apoiada pela Escola Paulista de Medicina, que chegou a mandar carta à Real Academia Sueca.

Uma vez a Royal Society pediu o *curriculum vitae* dos dois irmãos. Responderam textualmente: "Subdesenvolvido não tem *curriculum*. Que dados palpáveis semibichos podem encaminhar de forma a ilustrar as páginas da Royal Society? Os nossos grandes feitos foram no campo da gastronomia — macaco cru, onça com açúcar, chá de qualquer folha — coisas que por certo dariam náuseas a Sua Majestade, a Rainha, e a toda a Royal Society".

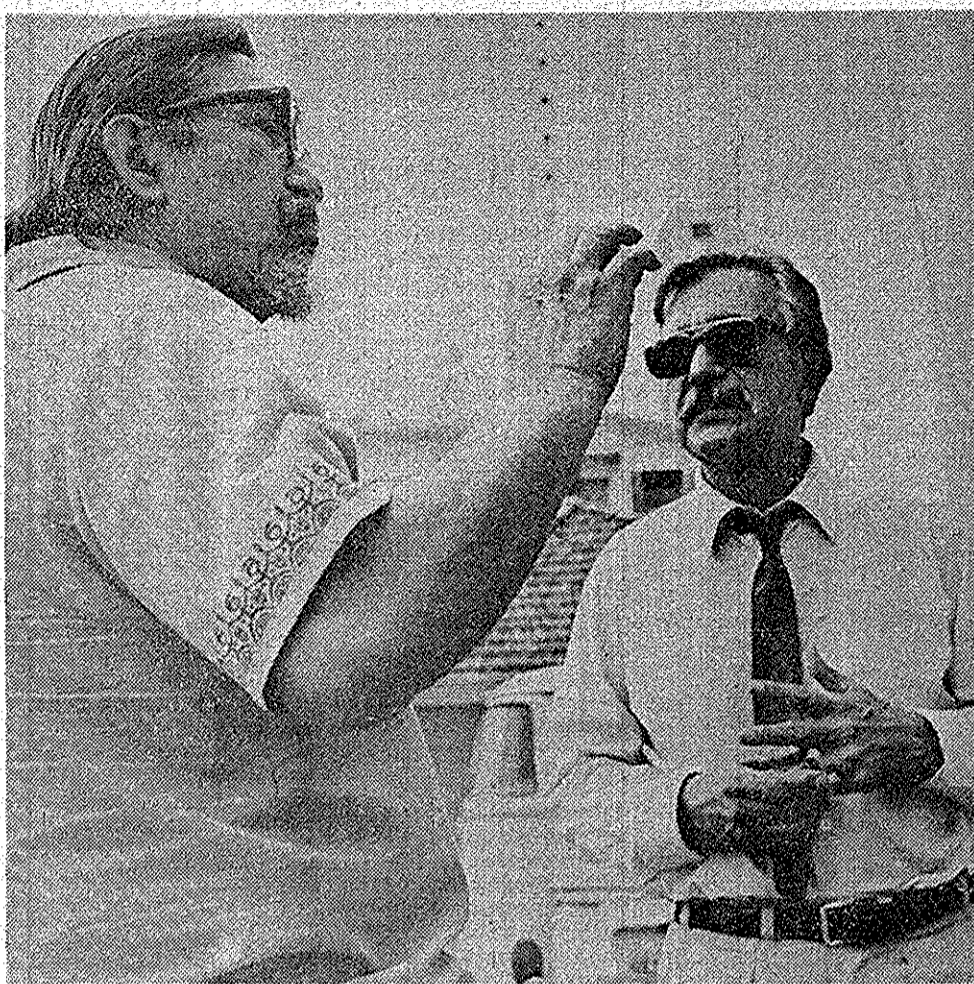
Sagaz, irreverente, irônico, capaz de manter mobilizada durante horas uma platéia inteira — tantas são suas histórias — Orlando às vezes sente cansaço pensa em abandonar tudo. Tantas têm sido as incompreensões, cujas origens ele bem conhe-

ce, que este homem folgazão, comilão, extrovertido, romântico e idealista por natureza, não esconde, às vezes, sua desilusão.

Cláudio, mais moço, 56 anos, é o oposto do irmão. Ensimesmado, caladão, divide seu mundo entre o diálogo permanente com os índios e a leitura dos escritores prediletos, geralmente filósofos, antropólogos, etnólogos. Os intelectuais europeus e americanos, quando visitam o Xingu, admiram-se de encontrar um homenzinho magro, mais índio que civilizado, a par das principais correntes do pensamento.

A missão de entrar em contato com os índios, para atraí-los à civilização branca, jamais foi exercida com prazer pelos irmãos Vilas Boas. Por eles, os índios seriam deixados em paz em suas aldeias, às quais os brancos só iriam de visita, para conhecer-lhes a cultura, em vez de usurpar suas terras e transmitir-lhes doenças, utilizando até roupas contaminadas, a pretexto de integrá-los, como se fez ao longo de 474 anos, reduzindo para 180 mil pessoas uma população calculada em 3 milhões, na época da Descoberta.

— Não pensem que somos saudosistas, que queremos os índios confinados em reservas — dizem os Vilas Boas. Somos contra a violência desigual que historicamente sempre impusemos ao índio, um ser pleno que respeita a natureza, não conhece a propriedade privada, não alimenta ódio nem covícia e não precisa destruir ninguém para viver.



Cláudio e Orlando estudam a tática de contato com os beijo-de-pau.